

Biblioteca em programas de alfabetização e educação de adultos*

Libraries in adult educational programs

ETELVINA LIMA **

A biblioteca pública brasileira, tal como ensinada e aprendida nas Escolas de Biblioteconomia, vem perdendo a visão objetiva de sua missão de educar, pois parte de uma concepção de biblioteca moldada em uma sociedade cujas características e exigências são inteiramente diversas da nossa. A reflexão sobre os pontos em comum entre a filosofia do método Paulo Freire e os problemas das bibliotecas públicas conduz a um modelo de biblioteca popular. Por analogia, as bibliotecas populares seriam a biblioteca do oprimido — instituições nas quais a prática educativa levasse os leitores/educandos à busca de conhecimentos e de instrumentos que aumentassem seu poder de intervenção sobre a realidade. A biblioteca popular seria resultante de vontade de um grupo, manifestada no decorrer de reuniões, onde se discutam problemas comuns, sob a coordenação de alguém com experiência de trabalho social. Seu acervo pode ser

* Subsídios apresentados à discussão em sessão plenária do XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, João Pessoa, Jan. 1982.

** Professor Emérito da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

desenvolvido a partir de um trabalho editorial de publicações gerais e específicas sobre assuntos que constituam preocupação prioritária dos grupos a serem atendidos. A seleção de obras de ficção será feita de acordo com o valor literário e a acessibilidade da linguagem e poderá utilizar a coleção de textos do Mobral. Os recursos audiovisuais também podem ser gerados das discussões dos próprios grupos. O bibliotecário não será o único profissional a agilizar a biblioteca popular: ele integrará um grupo de especialistas envolvidos no processo. Para a promoção especializada do bibliotecário poderá ser viável o recurso da especialização, após a graduação, em programas apoiados por órgãos nacionais, ou sob o patrocínio de associações de classe.

Na impossibilidade de conhecer, com antecedência, o que o Professor Paulo Freire viria nos dizer, limitei-me, para este debate, a conhecer o pensamento do nosso mestre ilustre, as descrições de suas experiências, no Brasil e no exterior, e à procura de indicações de um possível entrosamento entre aqueles programas e as bibliotecas públicas.

Confesso que me desapontei, pois, aparentemente, nada encontrei nos livros que li, com referência ao objetivo pretendido.

Em programas de alfabetização de adultos, a essência do sistema consiste na preparação de material didático a partir do universo temático e da vivência do grupo a ser alfabetizado.

Mesmo em programas de pós-alfabetização, nos denominados «Círculos de Cultura», pouco se fala em bibliografias recomendadas e mesmo em título de qualquer livro utilizado: os textos para os debates, núcleo do processo educativo, são gerados no decorrer das discussões e posteriormente condensados pelos especialistas do grupo central.

Entretanto, fascinada pela amplitude dos conceitos educativos, tão simples, mas tão ricos em potencialidade, eu mesma parti para a reflexão e a definição do universo da bibliotecária que sou, passando, sem dar conta, a adotar em minhas reflexões a própria terminologia do método Paulo Freire.

Com surpresa, encontrei então pontos em comum na filosofia do método Paulo Freire e em minhas reflexões a respeito dos problemas das bibliotecas públicas, no Brasil. E, daí, vislumbrei as possibilidades de um trabalho em comum, com o objetivo primeiro de desenvolver o senso crítico da imensa parcela de brasileiros, marginalizados nas periferias urbanas ou no meio rural, valorizando sua experiência de vida, de forma a torná-los conscientes da grandeza de sua participação nas transformações sociais.

Antes de prosseguir, gostaria de deixar bem clara a minha posição frente ao problema da instituição biblioteca pública no contexto social brasileiro.

A biblioteca pública, tal como a aprendemos e ensinamos nas escolas de biblioteconomia, é uma instituição fadada a se transformar em uma repartição pública, mormente cumprindo rotinas pseudo-técnicas ou administrativas, complicando essas rotinas na ânsia de valorizá-las — perdendo, assim, a visão objetiva de sua razão de ser, de sua missão essencialmente educativa.

Qual a razão deste pessimismo, quem sabe exagerado? Talvez a tentativa de, pela caricaturização, dar enfoque ao absurdo de se querer transplantar, sem a menor crítica, para nossas comunidades, uma instituição moldada por pressões de sociedades inteiramente diversas em suas características e exigências.

Falta aos bibliotecários de nossas bibliotecas públicas o entusiasmo gerado pelo sentimento de utilidade, no cumprimento de suas tarefas. Utilidade, por estar respondendo às demandas e exigências de seus usuários.

Nem mesmo quando, exaustivamente, procuram atender os pedidos aflitos de escolares assoberbados com a preparação de trabalhos que, raramente, lhes despertam um mínimo de interesse, nossos bibliotecários encontram estímulo profissional. A própria distorção dessa situação contribui para a «burocratização» desse atendimento: atender estudantes é próprio de bibliotecas escolares — aprendeu-se no curso de biblioteconomia. Nas bibliotecas públicas americanas, nem mesmo se encontram os livros de texto adotados nas escolas locais. Mas, no Brasil, cerca de 90% dos usuários das pouquíssimas bibliotecas públicas existentes são, justamente, esses escolares.

A frustração profissional cresce com a ausência de outros tipos de usuários, aqueles que seriam o próprio objeto da concepção liberal da biblioteca anglo-americana — membros da comunidade à procura de informação específica ou de livros para continuar sua educação.

Toda a teoria de «estudos de usuários» é evocada para resolver o problema. Os usuários reais talvez não encontrem os livros que procuram: estudos provam que as coleções estão obsoletas, defasadas. Os usuários em potencial desconhecem as vantagens oferecidas pela biblioteca pública, há que planejar campanhas de publicidade para vender-lhes nosso peixe. E a situação perdura, os resultados são pouco significativos.

Alguma coisa deve estar errada. Não seria, talvez, a própria concepção de biblioteca pública? Não estaremos pretendendo atingir o leitor errado? Muito diferente do romantismo do poeta, quando bendiz o que semeia livros, livros a mão cheia... Parece que os livros não são tão férteis, como imaginava Castro Alves. Pelo menos, quando caem em terreno árido e permanecem como estranhos objetos de adorno. Há entretanto, um vasto campo para o trabalho com os livros à espera da criatividade dos

bibliotecários brasileiros: é a educação popular, fundamentada em necessidades reais das comunidades.

Realmente, não sou tão descrente quanto pareço. Acredito, veementemente, no livro como instrumento de informação e de educação — desde que essa informação seja necessária ao leitor e que ele tenha liberdade de escolher a leitura como recurso para se distrair ou melhorar seus conhecimentos. Esta opção só poderá ser feita se ele atingir certo nível de crítica, de consciência da realidade que o cerca e de seu posicionamento dentro dela. A leitura exige um grau de habilidade acima da alfabetização.

Como se conseguiria isto? Como se acoplaria este trabalho ao da educação popular, como a vê o Professor Paulo Freire?

É o que tentarei esboçar, policiando-me para não incorrer em erros de interpretação do método Paulo Freire e tampouco cair no fácil caminho da utopia, desejando o impossível dentro das condições sócio-econômicas que nos cercam.

1 CRIAÇÃO DE BIBLIOTECAS POPULARES

Denomino bibliotecas populares as bibliotecas públicas cujo objetivo é o de atender às populações menos privilegiadas das áreas urbanas e, se possível, estender esse atendimento às comunidades rurais. As bibliotecas populares se diferenciam das grandes bibliotecas públicas pelo acervo menor e mais especificamente vinculado ao grau de desenvolvimento e aos interesses específicos do grupo a que atenderá. Distinguem-se, também das grandes bibliotecas públicas pelo atendimento mais personalizado que dispersam a seus usuários, visando criar condições para a continuação de sua educação, empregando, para isto, outros recursos, além dos impressos. Por analogia, poder-se-ia dizer que as bibliotecas popu-

lares seriam as bibliotecas do oprimido — instituições nas quais a prática educativa levasse os leitores/educandos à busca de conhecimentos e de instrumentos que aumentassem seu poder de intervenção sobre a realidade.

A biblioteca popular assim concebida não fará restrições a tipos de leitores — atenderá a todos, procurando, entretanto, agrupar interesses, para melhor atendê-los. Assim, exercerá também, funções de biblioteca escolar, se a isso for solicitada.

A biblioteca popular não pode ser uma dádiva dos poderes públicos, de beneméritos, políticos, nem mesmo de educadores. Será, ao contrário, resultante da vontade de um grupo, manifestada no decorrer de reuniões, onde se discutam problemas de interesse comum, sob a coordenação de alguém com experiência de trabalho social ou animação cultural. A idéia de fundação da biblioteca poderá emergir no decorrer de programas de educação popular e certamente não será das primeiras manifestações de vontade do grupo. De fato, em condições normais de vida, não se sente a necessidade de bibliotecas, nem mesmo, quando existe grande vontade de «aprender». Nossa tradição de aprendizado é pela prática, daí o pouco sucesso alcançado pelas coleções de livros «Faça isto você mesmo», no Brasil. Pouquíssimas são as pessoas que procuram aprender pela leitura — o que exige, certamente, habilidades nem sempre desenvolvidas, nem mesmo na escola. Quando existem grupos formados visando a educação popular — como as Comunidades Eclesiais de Base, os grupos sindicais e as cooperativas rurais — talvez se possa levar seus participantes a compreender a função da informação impressa como base do conhecimento ou, paulatinamente, levá-los a usufruir o prazer estético da leitura de um texto literário.

Em grupos de pais e professores, a idéia poderá surgir espontaneamente, ao se discutirem as dificuldades

de aquisição de livros e materiais escolares — problema angustiante que se coloca anualmente às famílias brasileiras.

A motivação para levar um grupo à manifestação da idéia de criar uma biblioteca requer planejamento cuidadoso, levado a efeito por um núcleo dirigente, com a participação de especialistas, entre os quais, evidentemente, o bibliotecário. Serão realizadas pesquisas iniciais para identificação do universo temático do grupo — o que conduzirá aos estudos de composição de acervos e de serviços a serem oferecidos. As sondagens sobre alternativas de suporte da futura biblioteca são básicas e devem preceder a motivação do grupo, para que não se criem expectativas de realização improvável.

Percebe-se facilmente que este trabalho de planejamento se realizará com maiores probabilidades de êxito se a comunidade visada participar da programação dos «Círculos de Cultura», após a alfabetização pelo método Paulo Freire.

O núcleo central de especialistas envolvidos na programação dos «Círculos de Cultura» acrescido de bibliotecário(s), fará a integração dos trabalhos.

2 MANUTENÇÃO DAS BIBLIOTECAS POPULARES

Sem dúvida, as bibliotecas populares deveriam fazer parte de um sistema educacional mais amplo, integradas a outras instituições tais como escolas, oficinas, creches, etc., com o mesmo objetivo — o de desenvolver as potencialidades da população hoje marginalizada. Isso representaria uma séria opção política, cuja decisão foge às possibilidades de grupos isolados. É uma opção de governo, que não me parece em vias de realizar-se em nosso país.

Bibliotecas não existem gratuitamente, são instituições onerosas que, sem a injeção permanente e siste-

mática de recursos, fenecem rapidamente. Na impossibilidade de deflagrar movimento que leve à criação de sistemas de bibliotecas populares, acredito que pequenas unidades possam vir a ser criadas e sustentadas com recursos próprios de um grupo interessado em sua existência, pela cobrança de razoável contribuição individual ou pelo acréscimo a contribuições de sindicatos, cooperativas ou outros programas quaisquer. Mesmo assim, o amparo governamental seria indispensável, quer no provimento de pessoal ou convênio, para fazer a biblioteca funcionar, quer pela doação direta de verbas.

Se bem sucedidas, as experiências de funcionamento de poucas bibliotecas populares seriam estímulo para a criação de outras e — quem sabe? — até para a sensibilização dos poderes públicos para o problema.

3 FORMAÇÃO DO ACERVO DAS BIBLIOTECAS POPULARES

A pobreza do mercado de livros e materiais audiovisuais adequados a uma ação educativa com base na prática de vida e em necessidades imediatas dos educandos é crucial. Com o que se encontra à venda, dificilmente se consegue formar coleções para desenvolver o trabalho pretendido. Nem mesmo com os livros distribuídos por órgãos públicos, como o INL e a FENAME.

As casas editoras, estabelecidas com fins comerciais e, portanto, visando a lucros, baseiam seus programas editoriais em pesquisa de **marketing**, o que lhes indica, certamente, quem constituirá o seu mercado de venda. As escolas e os escolares, em primeiro lugar, são os grandes compradores de livros. Uma pequena elite de poder aquisitivo acima da média constitui o mercado para as obras de literatura, infantil ou de adultos. A universidade e seus membros integram a fatia de compradores de livros e periódicos técnico-científicos. Como editar livros para grupos que não os desejam e não os

podem pagar, como os que se pretende atingir com as bibliotecas populares? E, mais ainda, como produzir este material a preços acessíveis, de maneira que possam ser vendidos?

Não basta que os livros sejam selecionados entre os melhores da literatura nacional e que sofram um trabalho de adaptação ou condensação. Nem que sejam traduzidos os manuais profissionais de sucesso em outros países, pois os processos e máquinas que originaram as informações que transmitem são diferentes dos utilizados em situações reais, em nossa indústria ou agricultura.

As experiências levadas a efeito pelos adeptos do método Paulo Freire — a de gerar textos em grupos de discussão para, depois de condensados por especialistas, serem utilizados como temas de discussão de outros, ou dos mesmos grupos em circunstâncias diferentes, parece-me válida, nos trabalhos iniciais de um grupo. Mas, se repetida por longo período, parece-me limitadora da ação educativa. Há de chegar a hora em que os educandos tenham de assumir sua posição em comunidades maiores e seu poder de crítica e decisão será grandemente ampliado se souber buscar, sozinho, as informações que precisa, no universo bibliográfico comum.

A esse propósito chegou-me às mãos o projeto de pequena editora de Belo Horizonte, que pareceu-me indicar os caminhos para o problema de acervo bibliográfico de grupos de educação e/ou de bibliotecas populares.

Esta firma — Mazza Editora é o seu nome — considerando a efervescência de novas forças reivindicatórias, tais como as associações de bairro, que reivindicam novas condições de vida; as comunidades eclesiais de base, já em número bastante considerável no Brasil e as organizações sindicais, entre outras, se propõe a desenvolver um trabalho editorial expressamente dirigido a essas organizações, criando séries de publicações gerais e es-

pecíficas cujo tema sejam questões de ordem estrutural e conjuntural, oferecidas à grande massa.

Para isso procurará identificar, por meio de pesquisas, assuntos que constituam preocupação prioritária desses grupos. Seria como que o estabelecimento do universo temático dos grupos, diria eu.

A partir dessa definição, seriam escolhidos temas para iniciar o trabalho, com o planejamento inicial de títulos para publicação em série denominada «**As claras**». A preparação dos textos será entregue, então, a especialistas vinculados à Editora e submetidos à apreciação dos grupos e/ou organizações que possam se interessar pelo assunto. As críticas desses futuros utilizadores serão analisadas e incorporadas, e o texto, assim enriquecido e desenvolvido, será impresso. Para assegurar a distribuição da série, sua tiragem será determinada pela encomenda prévia das organizações consultadas, assegurando-se, dessa forma, o retorno do capital despendido, acrescido de pequena margem de lucro, para possibilitar a sobrevivência do projeto.

Se realizado, esse plano parece-me um grande passo para facilitar a formação do acervo das bibliotecas populares, em sua parte informativa.

A seleção de obras de ficção — indispensáveis à ação educativa através dos sentidos — será feita de acordo com o valor literário e a acessibilidade da linguagem, e acredito que a coleção de textos preparados para as bibliotecas e cursos do Mobral preencha os requisitos acima apontados.

Os recursos audiovisuais, indispensáveis ao desenvolvimento do trabalho em bibliotecas populares, podem ser gerados das discussões dos próprios grupos, ou preparados, com antecedência, pelos coordenadores. Os Centros de Ensino Supletivo, criados pelo MEC, dispõem de material riquíssimo para o estudo individual a nível

de 1º e 2º graus. Acredito que esse material, bem como os necessários aparelhos para sua utilização, poderá ser concedido em comodato, a bibliotecas populares que venham a ser criadas.

4 BIBLIOTECARIO E BIBLIOTECAS POPULARES

O bibliotecário, com a formação que recebe, hoje, em cursos universitários de graduação em biblioteconomia, estará preparado para se responsabilizar pelas bibliotecas populares?

Parece-me que não.

Currículos e programas mostram a preocupação natural em preparar os bibliotecários para a missão de agente de informações técnico-científicas. E não poderia ser de outra forma, uma vez que o desenvolvimento de bibliotecas especializadas e serviços de informação é real, ao passo que as bibliotecas públicas passam por um período de estagnação e as bibliotecas populares, tal como as descrevi, inexistem.

Não acredito ser a hora, ainda, de se introduzir a especialização de áreas de formação em cursos de graduação. Mas há o recurso da especialização, após a graduação. Essa especialização certamente será apoiada pelo CAPES ou pelo Instituto Nacional do Livro, junto aos cursos regulares. E poderá ser oferecida também sob o patrocínio das associações de classe.

A definição do conteúdo programático da especialização em bibliotecas populares merece estudos aprofundados. Deixo, aqui, a sugestão para que se estude o processo de treinamento de coordenadores e educadores de programas de alfabetização e pós-alfabetização pelo método Paulo Freire e estou certa que os subsídios ali encontrados serão valiosos.

É preciso sempre lembrar que o bibliotecário não será o único profissional a agilizar a biblioteca popular: ele integrará um grupo de especialistas envolvidos no processo, e para isso é que deverá ser treinado.

Resta, ainda, considerar o aspecto da remuneração do profissional envolvido em tarefas de educação popular.

Além das possibilidades de convênios com órgãos públicos, a que me referi anteriormente, não me parece viável a abertura de campo de trabalho em pequenas bibliotecas populares, criadas a partir da manifestação de vontade de um grupo. Essa afirmação, entretanto, não considerou as possibilidades do trabalho voluntário de bibliotecários que vejam na educação popular uma missão a ser executada fora do horário regular do trabalho remunerado.

Será uma forma, realmente válida, de realização pessoal.

São estas as reflexões a que me levou a leitura de livros de Paulo Freire e de alguns de seus intérpretes.

Deixo em aberto o debate sobre o assunto.

The vision of the Brazilian public library, as taught in library schools, is based on the foreign conception of a library in a society that has characteristics and needs different from ours. Therefore, it is losing the objective vision of its educational mission. A reflection on common points between the philosophy in the Paulo Freire method and the public library problems leads to a model of the popular library. By analogy, the popular libraries would be libraries for those who are oppressed by society — they would be the institutions in which the educational practice could help the users in their search for knowledge and for tools that could

help them increase their power of acting against a reality that oppresses them. The public library would be the result of the wishes of a group, as expressed in group meetings, where common problems are discussed under the leadership of someone trained in social work. The basis of its collection development would be an editorial practice with emphasis on general and specific publications on subjects important to those groups. The selection of fiction would be based on library value and language accessibility. The texts used by MOBREAL could be included. Audiovisual resources could be generated also from group discussions. The librarian would not be the only professional working in this library, he would be part of a group of specialists of different areas involved in the process. This librarian would be trained in special programs sponsored by library associations or national organizations.